

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

**O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO PARADIGMA DA
COMUNICAÇÃO INTERSUBJETIVA: PERSPECTIVAS E DESAFIOS¹
THE TEACHING-LEARNING PROCESS IN THE PARADIGM OF
INTERSUBJECTIVE COMMUNICATION: PROSPECTS AND CHALLENGES**

Laís Francine Weyh², Cátia Maria Nehring³

¹ Trabalho desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - Mestrado (UNIJUI/RS)

² Graduada em Pedagogia (URI - Campus Santo Ângelo/RS) e História - Licenciatura (UNIJUI/RS), especialista em Educação a Distância (UNOPAR/PR) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências (UNIJUI/RS). Docente de História na rede estadual do RS. E-mail: lais.weyh@gmail.com

³ Doutora em Educação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - UNIJUI. Líder do Grupo de Pesquisa, GEEM - Grupo de Estudos em Educação Matemática. E-mail: catia@unijui.edu.br

Resumo:

A comunicação intersubjetiva na escola é o assunto principal deste artigo, construído a partir das reflexões desenvolvidas em uma disciplina do Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUI/RS. Busca-se compreender a importância do paradigma da comunicação intersubjetiva no processo de ensino-aprendizagem das instituições escolares, visando a formação de sujeitos críticos, conscientes e cidadãos responsáveis, através de uma educação dialógica e para a emancipação humana. Metodologicamente, caracteriza-se por ser um estudo bibliográfico, de caráter exploratório, descritivo e explicativo, em que foram realizadas leituras de autores clássicos e contemporâneos que ofereceram subsídios para o desenvolvimento da temática. Acredita-se que é preciso haver uma nova racionalidade na contemporaneidade, pautada na comunicação intersubjetiva, reconhecendo que todos somos sujeitos sociais, dotados de linguagem que nos permite significar o mundo e interagir uns com os outros constituindo nossa própria humanidade. Neste contexto, a educação deve promover o diálogo entre as diferentes subjetividades, ensinando cada um a ouvir e dizer a sua palavra, de forma a construir coletivamente o conhecimento, criando comunidades de saber que refletem criticamente e com autonomia os objetos e problemas reais do cotidiano.

Abstract:

Intersubjective communication at school is the main subject of this article, built from the reflections developed in a discipline of the Master of Science Education at UNIJUI / RS. We seek to understand the importance of the intersubjective communication paradigm in the teaching-learning process of school institutions, aiming at the formation of critical, conscious and responsible citizens, through a dialogical education and for human emancipation.

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Methodologically, it is characterized by being a bibliographical study, exploratory, descriptive and explanatory, in which were read the classic and contemporary authors who offered subsidies for the development of the theme. It is believed that there needs to be a new rationality in contemporary times, based on intersubjective communication, recognizing that we are all social subjects, endowed with language that allows us to mean the world and interact with each other constituting our own humanity. In this context, education must promote dialogue between different subjectivities, teaching each one to listen and say his or her word in order to collectively build knowledge, creating communities of knowledge that critically and autonomously reflect the real objects and problems of everyday life.

Palavras-chave: Paradigmas do conhecimento. Pós-modernidade. Educação. Processo de ensino-aprendizagem. Comunicação intersubjetiva.

Keywords: Paradigms of knowledge. Postmodernity. Education. Teaching-learning process. Intersubjective communication.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva compreender a importância do paradigma da comunicação intersubjetiva no processo de ensino-aprendizagem das instituições escolares, visando a formação de sujeitos críticos, conscientes e cidadãos responsáveis, através de uma educação dialógica e para a emancipação humana.

Nesta perspectiva, num primeiro momento se abordará acerca dos paradigmas do conhecimento que fizeram parte da trajetória do pensamento humano nos diferentes tempos e espaços e condicionaram toda a estrutura social existente, incluindo a educação. Parte-se, então, da metafísica baseada numa visão religiosa e mítica sobre a lógica do mundo, o ser e as coisas em si, para a razão subjetiva que caracterizou a modernidade, numa supremacia dos sujeitos sobre os objetos que conhece, até a percepção de sua crise e busca de instauração da comunicação intersubjetiva.

Por conseguinte, se discorrerá a respeito da condição pós-moderna do mundo contemporâneo, os desafios apresentados para a vivência em sociedade e o desejo de uma nova racionalidade, em contraposição a do mercado globalizado. Por fim, serão traçadas algumas considerações sobre a linguagem na constituição do humano, e a proposta da comunicação intersubjetiva a ser efetivada no âmbito escolar.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo bibliográfico, de cunho exploratório, descritivo e explicativo, tendo em vista que realizou-se leituras de obras de diferentes autores, clássicos e da atualidade, que discutem a respeito da história dos paradigmas do conhecimento, a emergência de uma nova racionalidade da comunicação intersubjetiva e sua influência no ato educativo.

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Dentre os intelectuais escolhidos e pesquisados para embasar e dialogar nesse artigo estão: Bauman (1998), Boufleuer (2012; 2015; 2016; 2018), Brayner (2015), Chevitarese (2001), Descartes (1996), Fensterseifer (1999; 2018), Freire (1999), Hall (2011), Lima (2004), Lyotard (1991), Marques (1992; 1993); Morin (2008); Platão (1956), Savater (1998), Silva (1999), Simas; Behrens (2019) e Vygotsky (2008).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Refletir sobre a educação na contemporaneidade à luz dos paradigmas do conhecimento, significa reconhecer que na história da humanidade os sujeitos elaboraram formas diferenciadas de conceber o mundo, que influenciaram na organização e funcionamento das sociedades, nas possibilidades de ser e agir dos indivíduos, bem como nos processos formativos escolares.

Nesta perspectiva, os seres humanos dotados de racionalidade e capacidade simbólica, o que os diferencia efetivamente dos animais, estabeleceram referenciais de objetividade numa tentativa de apreender a realidade, poder situar-se nela e atuar sobre ela. Assim, foram sendo criadas narrativas capazes de oferecerem um sentido à vida humana, seja pela crença metafísica, na razão subjetiva ou da intersubjetividade, aposta que atualmente está sendo proposta.

Corroborando Boufleuer (2016), “Como construções simbólicas, as narrativas articulam os grupos humanos em cumplicidade recíproca de crenças, explicações e sentidos que demarcam os espaços e as formas de sua realização” (p.5). Logo, enquanto sujeitos provenientes e imersos em uma cultura, esses modos de “ler” o mundo não foram construídos individualmente, mas conjuntamente, e passaram a serem determinantes em toda uma época e lugar.

A instituição escolar como espaço formal de formação dos sujeitos, insere as crianças e jovens nesse mundo comum paradigmático, e por isso também sofre transformações ao longo do tempo. Desse modo, o processo de ensino-aprendizagem que encontramos hoje, não é o mesmo de décadas atrás, pois os próprios referenciais foram modificados, embora a finalidade da escola seja a mesma, isto é, promover às novas gerações o acesso ao saber científico construído e sistematizado pela humanidade, inserindo-os na dinâmica social e cultural.

[...] a educação sempre busca ser a expressão do estágio de desenvolvimento da razão do homem no que concerne às relações que ele estabelece com a natureza com o outros e consigo mesmo. Assim, pode-se dizer que a educação é sempre a expressão (racional) do entendimento que determinada sociedade tem em relação ao que constitui propriamente o “humano”. (BOUFLEUER, 2018, p.1).

Logo, os paradigmas não são imutáveis, mas são repensados e reelaborados constantemente a partir das exigências e necessidades do presente, o que não significa um desvencilhar total das tradições do pensamento até então vigentes. Contudo, sabe-se hoje que não há uma verdade universal que permita termos o conhecimento sobre a totalidade do real, mas proposições e

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

percepções diferenciadas construídas historicamente pelos humanos acerca do mundo, e que num dado momento foram aceitas e validadas.

Conhecer é produzir uma tradução das realidades do mundo exterior. Do meu ponto de vista, somos co-produtores do objeto que conhecemos; cooperamos com o mundo exterior e é esta co-produção que nos dá a objectividade do objecto. Somos co-produtores da objectividade. (MORIN, 2008, p.161).

Neste contexto, qual ou quais paradigma(s) alimenta(m) e move(m) a sociedade contemporânea? Como a educação é pensada e gestada a partir dessa ideia de mundo e do processo de conhecer? É muito cedo para se ter clareza dos caminhos que estão sendo trilhados pela humanidade, mas a reflexão é primordial para o estabelecimento de direções frente ao futuro que desejamos. Segundo Marques (1992),

Reconstruir a educação que responda às exigências dos tempos atuais não significa o abandono do passado, o esquecimento da tradição, mas uma releitura dela à luz do presente que temos e do futuro que queremos, uma hermenêutica que parta do pressuposto de que nenhuma tradição se esgota em si mesma, bem como nenhuma é dona original de seu próprio sentido. Requer a dialética da história que se superem os caminhos andados, mas refazendo-os. (p.549).

Da Antiguidade Clássica até o final da Idade Média (séc. XIV), o pensamento predominante e que transformou-se em paradigma ontológico ou metafísico, foi baseado no ideal greco-romano e judaico-cristão. De acordo com essa visão, o mundo é predeterminado por um ente superior e externo (Deus), criador de todas as coisas existentes, e os seres humanos, durante sua vida terrena, deveriam buscar desvendar essa essência verdadeira mundana e se adaptar à realidade.

A partir dessa lógica, o real se dá objetivamente, de forma absoluta, estando o sujeito condicionado a ele e destinado somente a descobri-lo e revela-lo. Assim surgem os binarismos, como: essência/aparência; alma/corpo; forma/matéria; universal/particular; o que é certo e errado. Conforme Silva (1999), “[...] o conhecimento é concebido simplesmente como reflexo de uma realidade que está ali, que pode ser acessada diretamente. É uma visão analógica do conhecimento. O que você vê é o que é. Conhecer é chegar ao real, sem intermediação”. (p.15).

A educação, então, cabe a tarefa de mostrar o ordenamento do mundo aos indivíduos e inseri-los nessa sociedade através da assimilação, memorização e repetição dos conhecimentos repassados pelo professor, mero transmissor das verdades estabelecidas. Esta é uma perspectiva tradicional de educação, tendo por base o inatismo de Platão e empirismo de Aristóteles.

Nessa corrente, o professor é tido como o centro do processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista que ele é o detentor dos saberes, porque já experienciados anteriormente, e os alunos, seres vazios a receber informações passivamente. Boufleuer (2018) contribui com essa reflexão

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

afirmando que,

É na perspectiva deste que o processo educativo se organiza e se conduz, tendo como critério a organização lógica dos conteúdos a serem ministrados. Se do professor se espera o papel propriamente ativo no processo pedagógico, do aluno se esperam as virtudes do esforço e da disciplina para a captação e memorização dos conhecimentos transmitidos. (p.4).

Paulo Freire chamou esse tipo de educação de bancária, pois considera os alunos como um banco de dados, receptores do conhecimento que o professor despeja sobre suas cabeças. É uma relação verticalizada, de cima para baixo, que não leva em consideração as experiências anteriores dos alunos, seus desejos e inquietudes, somente pretende desenvolver uma aprendizagem por “decoreba”, insignificante.

A Alegoria da Caverna de Platão representa esse ato de educar de ímpeto metafísico como uma transposição dos alunos que se encontram nas trevas das sombras, ignorância, para a luz do conhecimento. O professor seria o guia do aluno nessa travessia do mundo visível (caverna), para ele alcançar a realidade essencial (inteligível), considerado o ideal da condição humana que traria sua libertação. Segundo Brayner (2015), este seria o discurso pedagógico que fundamenta e legitima a educação na história.

Com a decadência do sistema feudal medieval, muitas mudanças importantes começaram a acontecer em toda a Europa e acabaram por configurar a chamada Idade Moderna (séc. XV – XVIII), buscando romper com a tradição, a ideia de mundo metafísico e o poder exacerbado da Igreja Católica. Dentre as modificações, está a visão de homem inaugurada no Renascimento e Humanismo, vislumbrando-o como centro do universo (antropocentrismo), dotado de capacidade intelectual para construir o seu próprio destino individualmente, e introduzir um novo conhecimento (científico) acerca das coisas existentes.

Nesse sentido, as ciências exatas e naturais ganham ênfase, pois a racionalidade humana torna-se instrumental e fundamentada na perspectiva matematizante, capaz de mensurar e quantificar tudo, bem como comprovar pela experiência. Uma das grandes e polêmicas descobertas foi a teoria heliocêntrica, em que Copérnico e Galilei revelam que a Terra gira ao redor dela mesma e do Sol, ao contrário do geocentrismo.

Também, as Reformas Religiosas: protestante, calvinista e anglicana, as quais geraram a reação da Contrarreforma, apresentavam o descontentamento com a força da Igreja Católica, o poder papal e seus abusos. Além disso, há a formação dos Estados Modernos compostos de monarquias absolutistas e que economicamente praticavam o mercantilismo, que possibilitou as grandes navegações marítimas.

Posteriormente, as Revoluções Inglesas, mais especificamente a Gloriosa, oportunizaram a

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

industrialização, substituindo o trabalho artesanal pela maquinofatura, e com ela advém o modo de produção capitalista liberal, tornando a burguesia classe dominante frente o Antigo Regime. Neste contexto, ainda vale destacar o Iluminismo como movimento de ideias que acreditava na razão como produtora do progresso humano, e a Revolução Francesa, com os ideias de liberdade, igualdade e fraternidade, opondo-se aos privilégios e a intolerância religiosa.

Frente aos conflitos que fragmentam o mundo moderno, algo os unifica, esse algo é a razão. A força unificadora da razão certamente não é um elemento novo no mundo ocidental, no entanto, diferentemente do papel que até então lhe cabia, qual seja, abarcar um mundo previamente ordenado e unificado, constitui-se agora como centro de um mundo que não é mais limitado à Pólis, nem a um único Império, nem a uma única Igreja. (FENSTERSEIFER, 1999, p. 20).

Logo, há um outro paradigma do conhecimento em voga, o da razão subjetiva. Nele ocorre o empoderamento do ser humano, visto como capaz de constituir e transformar os objetos de seu conhecimento através da racionalidade. Dessa maneira, os sujeitos tornam-se epistêmicos, agentes estruturantes da realidade, do seu universo científico e moral. Isso significa colocar-se no lugar que no paradigma anterior era destinado a Deus.

O homem por sua própria ciência e técnica torna-se, então, conhecedor e dominador da natureza, produzindo as verdades do mundo. No Discurso do Método, Descartes expõe que todos os seres humanos são dotados de bom senso (ou razão), possuindo o poder de bem julgar, distinguir o verdadeiro ou falso, e isso se daria a partir de quatro regras baseadas na lógica matemática:

[...] evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e não incluir em meus juízos nada além daquilo que se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida. O segundo, dividir cada uma das dificuldades que examinasse em tantas parcelas quantas fosse possível e necessário para melhor resolvê-las. O terceiro, conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer [...]. E, o último, fazer em tudo enumerações tão completas, e revisões tão gerais, que eu tivesse certeza de nada omitir. (DESCARTES, 2001, p.23).

Esses passos, tornaram-se o método científico utilizado pelos sujeitos para construir o conhecimento racional, inclusive das demais ciências humanas. Importante destacar, contudo, que Kant adverte que o homem jamais chegará a conhecer “a coisa em si”, pois o pensamento trabalha com as questões de tempo, espaço e causalidade. Além disso, é preciso ter consciência de que não há neutralidade nesse processo de construção do saber, como se fosse possível o ser humano desconectar-se da sua subjetividade e das influências do meio numa investigação e análise.

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

A educação, neste viés, reconhece o aluno como sujeito criador, que necessita desenvolver suas capacidades e habilidades para melhorar sua racionalidade e inserir-se no meio sociocultural vigente. No processo de ensino-aprendizagem, o professor atua como facilitador, provendo o aluno das condições necessárias para constituir-se, preparando-o para a vida (individual e social), e o trabalho fabril, que exige disciplina e um comportamento específico.

Por conseguinte, era necessário que a instituição escolar possuísse uma organização rígida, com conteúdos adequados a objetivos e resultados específicos, e testes que medissem regularmente e mecanicamente o que o aluno conseguiu compreender. Marques (1992), complementa afirmando que,

Os currículos escolares configuram-se como mera justaposição de disciplinas auto-suficientes, grades nas quais os conhecimentos científicos reduzidos a fragmentos desarticulados se acham compartimentados, fechados em si mesmos e incomunicáveis com as demais regiões do saber. A elaboração cognitiva faz-se em negação das complexidades do mundo da vida, do engajamento humano e da questão dos valores, questão política, em que implica. (p.554).

Neste contexto, é uma educação acrítica, relacionada ao trabalho e voltada a produção técnica, não a criatividade e reflexividade. Esse modo moderno de pensar, viver e educar, começa a entrar em crise no século XIX, com as guerras ocorridas em âmbito mundial, a instalação de uma nova ordem composta pelo capitalismo financeiro, a globalização e as tecnologias de informação e comunicação.

Entra em cena um novo conceito: a Pós-modernidade. Porém, o termo pós-modernidade é discutido por vários intelectuais contemporâneos e há divergências quanto ao seu significado: seria esta uma fase posterior a modernidade, de modo a indicar uma evolução, superação ou uma busca de desvinculação total da proposta moderna?

Apesar das diferentes concepções, as quais por vezes vão de um extremo a outro, acredita-se que a humanidade está em um processo de transição, questionando os pressupostos do projeto moderno em que a razão subjetiva é protagonista, devido aos resultados trágicos colhidos pelo uso irracional do conhecimento científico e técnico produzido. Para Chevitarese (2001), trata-se de uma “perda de otimismo e confiança no potencial universal do projeto moderno” (p. 11).

Esfaceladas as referências de universalidade, individualidade e autonomia, busca-se um novo paradigma para reorganizar e constituir essa sociedade em transformação. Vive-se num mundo caracterizado pela racionalidade do mercado, que com auxílio das mídias informativas, mostra e impõe o modo de vida ideal, isto é, o consumista. Os indivíduos são levados a ter desejos ilógicos de consumo como garantia de uma sensação de felicidade e bem-estar.

Contudo, a satisfação é ilusória e momentânea, e logo aparece outro produto ou ideia a ser

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

consumida, tendo mais atrativos que o anterior que é descartado. E o mesmo acontece com as relações sociais estabelecidas, que tornam-se líquidas, ratificando Zygmunt Bauman.

[...] todos parecem viver na “obrigação” de se cumprir uma ordem invisível, e de ser visivelmente feliz e vencedor. O senhor invisível que o manda é o superego pós-moderno; “ele manda você sentir prazer naquilo que você é obrigado a fazer”. E, ai daquele que não consegue, ou que se nega seguir a moral do rebanho, pagará de três modos: será estigmatizado pelos seus pares [...], ou pagará com um terrível sentimento de culpa ou, ainda, sofrerá os sintomas de uma doença psicossomática. (LIMA, 2004, p.4).

A sociedade então é regida pela ideia de lucro a qualquer custo, até o conhecimento está se tornando moeda de troca, mercadoria (Lyotard, 1991). Nesse sentido que Edgar Morin escreve que vive-se na idade de ferro planetária, com um patamar elevado no desenvolvimento da ciência e tecnologia, o qual possibilitou transpor as fronteiras geográficas, permitindo o contato entre diferentes povos e culturas a qualquer momento, redimensionando as noções espaço-temporais.

Mas ao mesmo tempo, ele salienta que se está na pré-história do espírito humano, vivendo cada vez mais da aparência e superficialidade. Não é à toa que os sujeitos encontram-se “perdidos” em meio a tantas possibilidades de ser, e as identidades aparecerem se movimentando no sentido de manter suas tradições e se reestruturar com o sincretismo cultural. Conforme Hall (2011),

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas - desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. (p.75).

Vislumbrando o contexto no qual a humanidade está enredada, sem perspectivas claras de caminho, tendo desmantelados os paradigmas metafísicos e da razão subjetiva, apresenta-se o paradigma da ação comunicativa como via para o futuro, substituindo uma racionalidade instrumental e neoliberal, pela intersubjetiva, que de acordo com Marques (1993), está centrada “no diálogo da palavra e da ação em permanente abertura à participação de todos em igualdade de condições”. (p.12).

Neste paradigma, há o reconhecimento de que a realidade do mundo é construída conjuntamente, a partir das diferentes razões subjetivas possibilitadas e manifestadas pela linguagem, no exercício do diálogo. Assim, a equação do conhecimento: objeto sobre sujeito e/ou sujeito sobre objeto se modificam, dando lugar a uma estrutura comunicativa entre vários sujeitos

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

que discutem acerca dos objetos existentes e os significam. De acordo com Silva (1999),

Produzimos significados, procuramos obter efeitos de sentido, no interior de grupos sociais, em relação com outros indivíduos e com outros grupos sociais. Por meio do processo de significação construímos nossa posição de sujeito e nossa posição social, a identidade cultural e social de nosso grupo, e procuramos constituir as posições e identidades de outros indivíduos e de outros grupos. (p.21).

Portanto, tudo o que conhecemos por mundo são elaborações humanas, pois somos nós que nominamos as coisas existentes, inserimos um significado nelas e definimos um padrão de interação para agir sobre elas e com nossos pares. Conforme Fensterseifer (2018), “[...] Cabe a nós a produção de novos sentidos, possibilidade que deriva da “imperfeição” das palavras, que tal como a vida, não é precisa”. (p.9-10).

Contudo, é uma construção sempre provisória, continuamente revisada e validada pela introdução de novos argumentos, visando a melhora no mundo comum e manutenção da humanidade. Nesse sentido que a pós-modernidade está sendo engendrada, na procura de uma outra rota e nova racionalidade, que não repita os erros da modernidade e preze pela coletividade.

Na proposta da neomodernidade, a educação assume papel ativo de aprendizagem coletiva e da potenciação do desenvolvimento cognitivo, prático-moral e expressivo-estético, em que se assegurem o domínio das sempre outras situações a enfrentar no mundo da tradição cultural continuada, no espaço social do convívio em grupos e no respeito e afirmação das identidades pessoais. (MARQUES, 1992, p.560).

Desse modo, vê-se que o sujeito faz parte da natureza (meio físico e natural) e de um meio sociocultural, construído pela sua racionalidade, e onde a linguagem ganha um papel fundamental. A linguagem aqui entendida não como simples comunicação entre os sujeitos, mas possibilitadora do processo de formação de conceitos e significados que estruturam e explicam a realidade.

[...] a verdadeira comunicação humana pressupõe uma atitude generalizante, que constituiu um estágio avançado do desenvolvimento do significado da palavra. As formas mais elevadas da comunicação humana somente são possíveis porque o pensamento do homem reflete uma realidade conceitualizada. [...] Uma vez que o conceito esteja amadurecido, haverá quase -sempre uma palavra disponível. (VYGOTSKY, 2008, p. 7-8).

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Vygotsky afirma que a aprendizagem precede o desenvolvimento e ocorre através da interação, do biológico para o sócio histórico, isto é, ocorre em comunhão com os demais. Logo, retoma que somos seres sociais e necessitamos dos outros para viver, por isso a necessidade de dialogar sobre que mundo queremos. Boufleuer, Neitzel (2015), complementam: “precisamos definir, por nossa conta e risco, em quais verdades vamos acreditar e sob quais regras pretendemos assentar nossas relações de reciprocidade”. (p.3).

Savater colabora escrevendo que não nascemos humanos, nos tornamos humanos com os outros que nos mostram o mundo e toda sua dinâmica social a fim de inserir-nos neste meio. Diferentemente dos animais, desde bebês necessitamos de cuidados dos nossos pais e passamos por diversas fases de maturação biológica e cognitiva, bem como experiências sociais para nos tornarmos independentes. Independência que não significa dissolução dos laços, mas seu aperfeiçoamento e constante cumplicidade com novos sujeitos e culturas para além da família.

Ninguém é sujeito na solidão e no isolamento, sempre se é sujeito entre outros sujeitos: o sentido da vida humana não é um monólogo, mas provém do intercâmbio de sentidos, da polifonia coral. Antes de mais nada, a educação é a revelação dos outros, da condição humana como um concerto de cumplicidades inevitáveis. (SAVATER, 1998, p.44).

O processo educativo, sob esse paradigma da comunicação intersubjetiva, requer ter esse entendimento acerca do humano, da sociedade e do mundo como um campo aberto à reflexão e transformação. O aluno é visto como protagonista de sua aprendizagem, um sujeito dotado de capacidades e habilidades singulares, com saberes prévios que deverão ser considerados e trabalhados pelo professor mediador, em sintonia com os conhecimentos científicos ou conteúdos abordados.

Os aprendizados resultam em conhecimentos que acabam produzindo um mundo humano comum, constituído de padrões, sempre abertos e passíveis de modificação, relativamente ao meio natural, no que se refere às relações dos sujeitos entre si e no que concerne aos modos de ser e de se expressar dos indivíduos. (BOUFLEUER, 2012, p.11).

A prática pedagógica visa a promoção do diálogo entre os alunos e o professor, o qual possui a função de cúmplice e orientador, criando verdadeiras comunidades de saber em sala de aula. A temática a ser discutida, que pode ser uma proposição curricular ou problemática social relevante, deverá promover a fala e escuta ativa dos pontos de vista da turma, que ao expressarem sua opinião, utilizarão de argumentos embasados criticamente, afim de reafirmar sua validação e importância, ou refutá-la.

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

A participação do aluno na produção de conceitos e do conhecimento, coloca-o em condições iguais aos demais, possibilita que ele veja a história como possibilidade, não uma sentença preestabelecida, e torna-o cidadão (co) responsável pela sociedade ao refletir sobre os problemas reais que afetam o seu cotidiano.

Assim, a ênfase a ser empreendida no processo de escolarização deve ser a de um sujeito crítico, participativo, reflexivo, considerado em sua totalidade. À educação, caberia instrumentalizá-lo para reflexivamente fazer a leitura do mundo à sua volta e de modo consciente contribuir com sua transformação, através da participação ativa como sujeito autônomo que aprende com base em suas próprias ações sobre os objetos sociais, construindo as suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo em que dá organização ao seu mundo. (SIMAS; BEHRENS, 2019, p.184).

A aprendizagem, nesse sentido, será significativa porque interessante, contextualizada, trabalhada de forma interdisciplinar, visando a emancipação humana. É a chamada educação problematizadora preconizada por Freire, de matrizes críticas e progressistas que valorizam a dialogicidade e a pedagogia da escuta. Educador e educando aprendem juntos mediatizados pelo mundo, com saberes que se complementam, não se sobrepõem ou excluem.

São ambos sujeitos cognoscentes, cada um em seu nível: o que ensina, o por ele já sabido, por isso, ao ensinar reconhece o antes conhecido; o que aprende conhecendo o ainda por ele não conhecido, ora conhece melhor alguma coisa que sabia mal ou preenche uma lacuna de saber. (FREIRE, 1999, p. 115-116).

Por conseguinte, a avaliação será realizada continuamente durante o processo de ensino-aprendizagem, tendo caráter diagnóstico tanto para alunos quanto professores. Os alunos na intenção de sistematizar os conhecimentos elaborados, e o professor, refletir sobre sua prática, (re) planejando para aprimorá-la.

Efetivar uma educação nesses moldes em uma sociedade capitalista que preza pelo individualismo e competitividade, em que os indivíduos são intolerantes com os diferentes e cada um pretende ter a sua verdade representada, parece uma utopia. Porém, enquanto professores é preciso plantar a semente e cultivar a esperança, propor e fazer a diferença através de uma educação libertadora, que vise a formação integral dos alunos, a construção de sua autonomia e cidadania.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as reflexões desenvolvidas não restam dúvidas de que é necessário uma mudança paradigmática na sociedade e conseqüentemente, no processo educativo, partindo do

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

entendimento de que a crença metafísica ou a razão subjetiva, já não constituem modos de racionalidade capazes de responder aos desafios contemporâneos.

Logo, a comunicação intersubjetiva torna-se imperante, reconhecendo que todos somos sujeitos sociais, dotados de linguagem que nos permite significar o mundo e interagir uns com os outros constituindo nossa própria humanidade. Assim, a educação deve promover o diálogo entre as diferentes subjetividades, ensinando cada um a ouvir e dizer a sua palavra, de forma a construir coletivamente o conhecimento, criando comunidades de saber que refletem criticamente e com autonomia os objetos e problemas reais do cotidiano.

Ao professor cabe o papel de mediação entre os sujeitos e a temática problematizada, sendo também encorajador, mostrando os caminhos a serem percorridos, conduzindo-os para a verdadeira reflexão e elaboração de novas sínteses. Neste contexto, a escola será um lugar de encontro, inclusão, ao permitir todos terem voz e vez, e de formação da consciência cidadã, que mobiliza os alunos a ter responsabilidade sobre suas ações e o mundo.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BOUFLEUER, José Pedro. **A Filosofia da Educação no Curso de Graduação em Pedagogia: uma abordagem a partir dos paradigmas do conhecimento**. II SOFIE - UNICAMP, 2016.

_____. **Mundo Comum e Formação Crítica em Perspectiva Pós-Metafísica**. IV SENAFE - UFSM - 21 a 23 de maio de 2012.

_____. **Paradigmas do conhecimento e da educação**. Texto didático. Ijuí: UNIJUI, 2018.

_____; NEITZEL, Odair. **O campo de estudos da filosofia**. In: BRONDANI, Clóvis (org.). Ensino de filosofia: proposta e reflexões. Chapecó, UFFS, 2015, p.35-52.

BRAYNER, Flávio. **Fundamentos da educação: crise e reconstrução**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

CHEVITARESE, L. **As razões da pós-modernidade**. Análogos. Anais da I SAF-PUC. RJ: Booklink, 2001.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **A Educação Física na Crise da Modernidade**. Campinas, SP, 1999.

_____. **Linguagem e conhecimento**. Texto didático. Ijuí: UNIJUI, 2018.

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. 1.reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LIMA, Raymundo de. **Para entender o pós-modernismo**. Revista Espaço Acadêmico - Nº 35 - Abril/2004.

LYOTARD, Jean-François. **La condición postmoderna** - Informe sobre el saber. Editorial R.E.I. Argentina S.A. Buenos Aires: Argentina, 1991.

MARQUES, Mário Osório. **Conhecimento e modernidade em reconstrução**. Ijuí: UNIJUI, 1993. 126 p.

_____. **Os Paradigmas da Educação**. Revista Brasileira Estudos Pedagógicos. Brasília, v. 73, n. 175, p. 547-565, set./dez. 1992.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 5. ed. Instituto Piaget: Lisboa, 2008.

PLATÃO. **A República**. Livro VII - O Mito da Caverna. 6.ed. Ed. Atena, 1956. p.287-291.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SIMAS, Raquel Rodrigues de Lima; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Paradigmas pedagógicos contemporâneos: tecendo práticas diferenciadas e inovadoras**. In: Dialogia, São Paulo, n.31, p.179-186. jan./abr. 2019.

VYGOSTKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cipolla Nelo. - 4ª.ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2008.